



**O ÚLTIMO DISCURSO, Charles Chaplin  
Trechos do filme "O Grande Ditador"**

Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia, da amargura de Homens que temem o avanço do progresso humano. Os Homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucumbem e o poder que do povo arrebataram há de retornar ao povo.

Não vos entreguem a esses brutais que vos desprezam, que vos escravizam, que arregimentam as vossas vidas, que ditam os vossos atos, idéias e sentimentos! Não sois máquinas! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade!

No capítulo 17 de São Lucas é escrito que o Reino de Deus está dentro do Homem, não de um só Homem ou um grupo de Homens, mas dos Homens todos! Está em vós!

Vós, o povo, tendes o poder! O poder de criar felicidade! O poder de tornar esta vida livre e bela! O poder de fazê-la uma aventura maravilhosa! Portanto, em nome da democracia, usemos desse poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo, um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência.

Onde vos encontrais, levantai os olhos! O sol vai rompendo as nuvens que se dispersam! Estamos saindo da treva para a luz! Vamos entrando num mundo novo, um mundo melhor, em que os homens estão acima da cobiça, do ódio e da brutalidade. Erguei os olhos! A alma do Homem ganhou asas e, afinal, começa a voar. Voa para a luz da esperança. Erguei os olhos! Erguei os olhos!

**VIVA JESUS**

**A Comissão  
Família Lassalista  
deseja a todos os  
Irmãos e Colaboradores  
um Natal cheio de Jesus  
em nossos corações!  
Para sempre!  
E neste momento,  
em que recordamos  
que Deus se fez Criança,  
o nosso amor educativo  
pelas crianças  
a nós confiadas  
seja renovado e fortalecido!  
Feliz Natal! Feliz 2004!**

**Vocês, que estão  
encarregados de preparar os  
corações dos outros para a  
vinda de Jesus Cristo,  
devem, em primeiro lugar,  
dispor os seus corações,  
para que se encham de zelo  
e assim se tornem eficazes  
nas instruções de seus  
alunos.**

Meditação 2,2

*De la Salle*



□ No Editorial do Boletim Família Lassalista de setembro/03, procuramos fundamentar a confessionalidade da escola lassalista a partir dos ensinamentos de São João Batista de La Salle.

□ Sua expressão “A Verdade é o próprio Deus e tudo quanto se dignou revelar-nos, quer por Jesus Cristo, quer pelos santos Apóstolos e sua Igreja”, conjugada com as declarações de Jesus Cristo: “Eu nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade” (Jo 18, 37); “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6); “Se vocês guardarem a minha palavra, serão, de fato, meus discípulos; conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (Jo 8, 31-32), oferece-nos algo de muito substancial para início de reflexão sobre as fontes da confessionalidade da Escola Católica.

□ Este tema merece mais uma vez espaço nas reflexões dos educadores que se associam à missão de guiar as novas gerações. Recordamos que a escola é o lugar privilegiado para estabelecer a síntese entre fé e razão, verdade e conhecimento, ciência e religião...

□ Quando a escola contempla e privilegia apenas o conhecimento, sem visar à formação integral da pessoa humana, não educa, mas somente instrui. Em nosso enten-

der lassalista, fornecer conhecimentos, sem integrá-los harmoniosamente com os demais valores da vida, é munir a pessoa de instrumentos que a tornam egoísta, exploradora do bem social, carente de relacionamentos consigo mesma, com o próximo, com a natureza e com o Criador.

□ A maior corrupção que assola nosso país é concebida e gerada no interior das pessoas poderosas que apenas receberam instrução, isto é, transmissão de conhecimentos. Não há dúvida de que a corrupção, que impede o Brasil de se desenvolver e de se tornar uma nação justa, é praticada por pessoas sem escrúpulos, sem temor de Deus, sem fé e sem respeito à pessoa humana. Portanto, a única forma de salvar esta pátria é o retorno à educação que contemple a formação da pessoa em todas as suas dimensões, inclusive a religiosa. Para isso encontramos base sólida na confessionalidade da escola cristã.

□ Nossa proposta educativa orienta para a formação do ser humano **saudável** fisicamente, **bem integrado** psicologicamente, **comprometido** responsabilmente com a ecologia, **apto** para a cidadania, **solidário** com o próximo, **convicto** ética e moralmente, **participante** da comunidade eclesial e **fortalecido** na fé.

□ A confessionalidade de nossa escola abarca e integra todas as dimensões e não diz respeito apenas à religião. La Salle nunca entendeu o ser humano de forma dicotômica, isto é, alma de um lado ou lá em cima e corpo do outro lado ou lá embaixo.

□ De forma semelhante também não entendeu a religião confi-

nada ao espaço físico das igrejas, nem vida social, profissional e familiar despida de fé.

□ **Saudável fisicamente** significa não apenas a saúde corporal, mas acima de tudo, a compreensão do corpo como fonte de comunicação, de expressão do afeto e de mensagens construtivas e morada do valor da vida que merece elevado respeito.

□ **Bem integrado psicologicamente** significa o devido conhecimento de si mesmo com a aceitação e compreensão das próprias limitações e o reconhecimento das habilidades e aptidões.

□ **Comprometido responsabilmente com a ecologia**: percepção das relações com a natureza, de sua importância capital para a subsistência e a vida, com real repercussão sobre o comportamento que esse conteúdo exige.

□ **Apto para a cidadania**: noção ampla de sua pertença à comunidade nacional e internacional com a capacidade de vivenciar os valores correspondentes.

□ **Solidário com o próximo**: preparado e disposto a ações de gratuidade e de voluntariado.

□ **Convicto ética e moralmente**: com capacidade e determinação de cumprir os deveres e as leis, civis e religiosas, no foro social e pessoal, o que o torna pessoa merecedora de confiança.

□ **Participante da comunidade eclesial e fortalecido pela fé**: alguém que vive os valores religiosos na horizontalidade fraterna com seus irmãos e na transcendentalidade relacional com Deus.

□ La Salle queria professores que fossem de Deus.

□ Pelo ato de ensinar, o professor dá a si mesmo ao aluno. Quem se dá a si mesmo, cansa. O ato de ensinar cansa. Se alguém não cansou, nos últimos tempos, está na hora de fazer algo. Ensinar da manhã à noite, isso cansa...

□ Faça com toda intensidade o que você ama. Não troque sua família lassalista por qualquer outra coisa...

□ O homem La Salle é uma obra de Deus. Ele foi tocado por Deus. Os membros deste Instituto chamam-se Irmãos. São irmãos de um santo. Isto é uma graça. Santo merece respeito. É modelo para nós. Tem frases bonitas. La Salle é um Santo irmão. Ele partilhou a vida com irmãos.

□ O Santo é tocado por Deus por três provas: a prova do Tempo (o tempo não apaga a marca de Deus); a prova da Realidade (o Santo não é do outro mundo); a prova da Caridade (ela torna o Santo mais semelhante a Deus).

□ O educador cristão lassalista vive um dinamismo que inicia na oração. Em cada oração encontra uma resposta. Para cada resposta elabora um projeto. Todo projeto é alimentado por um desejo. Cada desejo produz uma mensagem. Em cada mensagem vai uma certeza...

**Pe. Adilson Schio, MS**

De acordo com a definição lexical, família é o núcleo parental formado pelo pai, mãe e filhos, pessoas ligadas pelo mesmo sangue, unidos por laços biológicos que fazem parte de um conjunto das mesmas características. Porém, na prática, o conceito de família é muito mais complexo e abrangente. Na família estão intrínsecos fatores culturais, sociais, afetivos e ela representa um meio básico de desenvolvimento, de experiência, sucesso e fracasso.

Falando de aprendizagem ou mais precisamente de suas dificuldades, a família influencia muito no sentido de como trata o problema. O rótulo que a família ou a escola põem na criança faz com que ela se arme para a relação que vai viver. Profecias que são feitas, como do tipo: "É igual ao pai, por isso não aprende" ou "puxou ao tio dela, ele também era burrinho", deixam as crianças crentes de que sendo "iguais" ao pai ou ao tio, deverão fazer jus ao que lhe é profetizado, sendo assim, não precisam aprender.

A família pode interferir de maneira positiva ou negativa para o desenvolvimento da criança. A partir do momento que se reconhece e se aceita que a criança ou jovem está apresentando uma dificuldade de aprendizagem, o primeiro passo é a não rotulação e a busca de ajuda. Os rótulos têm efeitos negativos, pois rebaixam a auto-estima. Quando os pais demonstram compreensão, nota-se uma melhora significativa na criança, pois ela sente-se á vontade e reforçada emocionalmente.

Devemos saber que dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a várias áreas da criança: neurológica, física, emocional, afetiva, pedagógica, genética, motora, e que nenhuma delas se apresenta como única causa e sim, a dificuldade pode estar atrelada a vários fatores que merecem muita atenção ao serem investigados. A queixa de que a criança não está aprendendo pode ser apenas a ponta do iceberg.

Sabemos também que a questão de aprendizagem é um processo de relações, passível de falhas e rodeado de inúmeros fatores que levam a carga do aluno, da família, do professor, da escola. A criança está inserida em uma dinâmica familiar e escolar, sem contar o social; se o momento de ensinar e aprender se apresentar carregado de ansiedade tanto do aluno, da família quanto do professor, o cumprimento da missão trará medo e frustração para ambas as partes, angustiando o aluno que não consegue aprender e o professor que não consegue ensinar. Os pais devem ter consciência de que seu filho buscará na família o apoio para superar estas dificuldades e deverá sentir-se acolhido e respeitado em suas limitações. As escolas, juntamente com a família deverão buscar juntas as soluções, e assim, a criança sentirá que é amada e que em casa ou na escola, ela terá o apoio de que precisa para superar suas dificuldades.

O importante é que os papéis da família e da escola estejam bem definidos e que cada um seja o apoio do outro. Como se sabe, não há culpados e sim contribuintes, já que as dificuldades são resultantes de uma grande variedade de fatores que se inter-relacionam e a família é a base e o refúgio para a criança.

□ Uma professora me escreveu pedindo-me que eu lhe desse algumas dicas sobre como despertar o interesse dos seus alunos sobre a sua matéria. Sua pergunta brotava do seu sofrimento. Preparava suas aulas como havia aprendido nas aulas de didática - mas a sua aula não era capaz de seduzir a imaginação dos seus alunos. Numa situação como essas, o mais fácil e o mais comum é culpar os alunos: eles são indisciplinados, não querem aprender, são psicologicamente incapazes de concentrar a atenção. Essa professora não culpava os alunos. Culpava a si mesma. Devia haver algo de errado em suas aulas para que os alunos não prestassem atenção.

□ Uma aula é como comida. O professor é o cozinheiro. O aluno é quem vai comer. Se a criança se recusa a comer pode haver duas explicações. Primeira: a criança está doente. A doença lhe tira a fome. Quando se obriga a criança a comer quando ela está sem fome, há sempre o perigo de que ela vomite o que comeu e acabe por odiar o ato de comer. É assim que muitas crianças acabam por odiar as escolas. O vômito está para o ato de comer como o esquecimento está para o ato de aprender. Esquecimento é uma recusa inteligente da inteligência. Segunda: a comida não é a comida que a criança deseja comer: nabo ralado, jiló cozido, salada de espinafre... O corpo é um sábio. Etimologicamente a palavra sábio quer dizer “eu degusto”. O corpo não é um porco que come tudo o que jogam para ele, como se tudo fosse igual. Ele opera com um delicado senso de discriminação.

□ Algumas coisas ele deseja. Prova. Se são gostosas, ele come com prazer e quer repetir. Outras não lhe agradam, e ele recusa. Aí eu pergunto: “O que se deve fazer para que as crianças tenham vontade de tomar sorvete?” Pergunta boba. Nunca vi criança que não estivesse com vontade de tomar sorvete. Mas eu não conheço nenhuma mágica que seja capaz de fazer com que uma criança seja motivada a comer salada de jiló com nabo. Nabo e jiló não provocam a sua fome.

□ As crianças têm, naturalmente, um interesse enorme pelo mundo. Os olhinhos delas ficam deslumbrados com tudo o que vêem. Devoram tudo. Lembro-me da minha neta de um ano, agachada no gramado encharcado, encantada com uma minhoca que se mexia. Que coisa fascinante é uma minhoca aos olhos de uma criança que a vêem pela primeira vez! Tudo é motivo de espanto. Nunca estiveram no mundo. Tudo é novidade, surpresa, provocação à curiosidade.

□ Visitando uma reserva florestal no Espírito Santo, a bióloga encarregada de educação ambiental me contou que era um prazer trabalhar com as crianças. Não era necessário nenhum artifício de motivação. As crianças queriam comer tudo o que viam. Tudo provocava a fome dos seus olhos: insetos, pássaros, ninhos, cogumelos, cascas de árvores, folhas, bichos, pedras. Alberto Caeiro disse que foram as crianças que o ensinaram a ver. Disse que a criança que o ensinou a ver era Jesus Cristo tornado outra vez menino: “A mim ensinou-me tudo.

Ensinou-me a olhar para as coisas. Aponta-me todas as coisas que há nas flores. Mostra-me como as pedras são engraçadas. Quando a gente as tem na mão e olha devagar para elas”.

□ Quando eu era jovem e não sabia que os olhos das crianças eram diferentes dos olhos dos adultos eu ficava bravo com meus filhos quando a gente viajava. Eu olhava para fora do carro e ficava deslumbrado com cenários que via: montanhas, lagos, florestas. Queria que eles gozassem aquela beleza. Mostrava para eles, e era como se ela não existisse. Eles nem ligavam. E eu ficava com raiva. “Como podem ser insensíveis a tanta beleza?”

□ Eu não sabia que os olhos das crianças não têm fome de coisas que estão longe. Os olhos das crianças têm fome de coisas que estão perto. As crianças querem pegar aquilo que vêem. Cenários não podem ser pegos com a mão. Quando são bem pequenas elas olham, pegam, e levam à boca: querem comer, sentir o gosto da coisa. O bichinho de que gostam é aquele que elas podem acariciar, colocar no colo: o coelhinho, o cachorrinho, o gatinho. Nunca vi crianças com



interesse especial por peixes em aquários. Peixinhos não podem ser agradados, não podem ser colocados no colo. E nem por pássaros. A menos que os pássaros possam ser agradados. Conheço uma menina que tinha como seu bichinho de estimação uma galinha. Mas a galinha dela era diferente: vinha quando era chamada e gostava de ser agradada.

□ Todos os objetos que podem ser pegos com a mão são brinquedos para as crianças. E por isso elas gostam deles. Estão naturalmente motivadas por eles. Querem comê-los. Querem conhecê-los. Com sete anos de idade tive a minha primeira experiência fracassada com a engenharia mecânica. Secretamente desmontei o relógio de pulso de minha mãe. Infelizmente não consegui juntar

e florestas porque estão longe dos seus braços. Mas têm prazer em subir em árvores, apanhar frutas, descobrir ninhos, brincar nos remansos, pescar. As crianças se interessam por objetos com os quais os seus corpos podem estar em contacto, que podem ser manipulados. Elas não têm um interesse natural por operações matemáticas abstratas. Mas se estão vendendo pipas na feira, elas se interessam logo por somar e diminuir para contabilizar preços e trocos.

□ E que dizer da forma como elas aprendem a falar, coisa mais assombrosa não existe! Elas não aprendem a falar abstratamente. Aprendem os nomes dos objetos e das pessoas ao seu redor, os verbos que indicam as atividades que fazem. Quando a criança diz “mamãe” ela está chamando para

□ Não gosto de laboratórios nas escolas. Sua função não é ensinar ciência. Sua função é seduzir os pais. Os pais querem sempre o melhor para os seus filhos e o que é moderno deve ser melhor. Uma escola que tem laboratórios com aparelhinhos deve ser uma boa escola. Mas os laboratórios, antes que os estudantes entrem nele, já ensinaram uma coisa fatal para a inteligência científica: que ciência é algo que acontece dentro daquele espaço. A ciência não começa com aparelhos. Ela começa com olhos, curiosidade e inteligência.

□ Sonho com uma escola que tenha a casa de morada da criança como seu laboratório. A casa é o seu espaço imediato. Ela está cheia de objetos e ações interessantes. Pensar a casa é pensar o mundo onde a vida de todo dia está acontecendo. Numa casa não poderia haver um currículo pronto porque a vida é imprevisível: não segue uma ordem lógica. Os saberes prontos ficariam guardados num lugar, como as ferramentas ficam guardadas numa caixa. As ferramentas são tiradas da caixa quando elas são necessárias para resolver problemas. Assim são os saberes: ferramentas. Ninguém aprende ferramenta para aprender ferramenta. O sentido da ferramenta é o seu uso na prática. O sentido de um saber é o seu uso na prática. Se não pode ser usado não tem sentido. Deve ser jogado fora.

□ E por falar nisso, a palavra “dígrafo”, que todas as crianças têm de aprender, serve para quê? Assim são os nossos programas, cheios de “dígrafos” sem sentido... Por isso as crianças não aprendem.



aquilo que o corpo delas quer aprender, pela simples razão de que a vida não segue programas. Aí surge a pergunta: como motivá-las a comer nabo e jiló? Vocês podem imaginar como é que se ensinaria uma criança a falar, seguindo-se um programa? Ela não aprenderia nunca.

Diante das situações de risco cada vez mais disseminadas em todos os âmbitos da vida social, educadores, familiares e escolares têm recorrido a um conjunto de práticas que, para seu desaponto, vão perdendo cada vez mais sua eficácia e efetividade junto aos jovens.

De fato, as investidas do mundo adulto contra as drogas, contra a violência, contra a gravidez precoce, contra as doenças sexualmente transmissíveis e contra os abusos no trânsito sobrevivem e são recorrentemente repetidas não pelos seus méritos, que inexistem ou são desprezíveis, mas pela nossa incapacidade de produzir alternativas válidas e eficazes a esses procedimentos.

Se quisermos abordar de forma articulada e conseqüente essa questão, o primeiro passo é contextualizado no quadro maior dos grandes dinamismos que estão reconfigurando a vida econômica, social, política e cultural neste limiar começo de um novo século e de um novo milênio: a globalização dos mercados, eliminando cada vez mais as barreiras econômicas entre países e expondo as empresas e setores mais frágeis e vulneráveis a uma concorrência para a qual elas jamais pensaram em se preparar; o ingresso na era pós-industrial, desvinculando definitivamente o crescimento da produção do crescimento do emprego; as novas formas de organização do trabalho, requerendo cada vez menos trabalhadores, porém, com mais escolaridade, polivalência, flexibilidade, responsabilidade e criatividade.

Os reflexos dessas transformações nos campos econômico e técnico-científico sobre o quadro social têm sido, até o momento, perversos. Hoje, quase não se fala mais na exploração do homem pelo homem. A palavra agora é exclusão. Ser excluído é não servir sequer para ser explorado. E isso vem ocorrendo com pessoas, grupos, regiões dentro de um país e até mesmos países. Certa vez, ouvi de um sindicalista em São Paulo uma observação amarga sobre esse novo padrão: "Pior do que ser explorado por uma multinacional é não ser explorado por uma multinacional". Hoje, pior do que ser um desempregado, é ser um inimpregável, ou seja, alguém sem os requisitos mínimos para viver e trabalhar na nova sociedade e na nova economia.

No campo político, o mundo assistiu ao fim da guerra fria. O capitalismo e a democracia já não encontram adversários verdadeiramente ameaçadores à direita e à esquerda. O mundo, como nos tempos de Roma, volta a ser unipolar e uma só grande potência desfruta de uma hegemonia política, econômica e militar sem precedentes na história da humanidade.

Do ponto de vista cultural, estamos presenciando a emergência e a afirmação da chamada cultura pós-moderna. Marcada pela crise dos grandes relatos, ou seja, das grandes explicações sobre o sentido da vida e do mundo. E isso tem levado ao relativismo ético, ao individualismo exacerbado, ao hedonismo, ao narcisismo e ao consumismo como a grande medida de êxito na vida. "Diga-me o que consumes e eu te direi quem és!"

Os jovens de hoje e seus educadores nasceram num mundo onde os Estados nacionais eram mais importantes, numa economia industrial, num ambiente político marcado pelo embate ideológico entre capitalistas e socialistas numa sociedade em que o estado de bem-estar social, onde não existia, como no Brasil, era um ideal a ser perseguido. E numa cultura marcada pelos ditames e aspirações da modernidade.

Esses jovens estão chamados a viver, a trabalhar e a criar suas famílias num mundo globalizado, numa economia pós-industrial, num ambiente político pós-guerra fria, num quadro social, fortemente marcado pela exclusão e pela insegurança e num ambiente cultural de corte pós-moderno, ou seja, eles nasceram numa etapa do processo de civilização da humanidade e vão viver, trabalhar e criar suas famílias em outra etapa desse processo.

É nesse quadro que nossos adolescentes deverão fazer a sua travessia entre o mundo da infância e o mundo adulto. Através de uma trajetória biográfica e relacional, cada jovem deverá plasmar sua identidade e construir o seu projeto de vida, suas tarefas sem as quais essa travessia não se consume de maneira plena.

Para empreender essa travessia sócio-existencial, sempre por mares nunca dantes navegados, os jovens deverão realizar quatro encontros fundamentais:

**1. O encontro consigo mesmo:** identidade, auto-estima, autoconfiança, autodeterminação, projeto de vida e vontade de auto-realização.

**2. O encontro com o outro:** abertura, reciprocidade, solidariedade, compromisso, responsabilidade e partilha, tanto nas relações interpessoais como nas relações sociais mais amplas.

**3. O encontro com a natureza:** preocupação, cuidado e zelo com o ambiente em que se vive e com a preservação da biodiversidade em todo o planeta, compreendendo e aceitando pautar sua vida pelos ideais da sustentabilidade ambiental.

**4. O encontro com a dimensão transcendente:** encontro com as grandes indagações da vida humana, ou seja, as indagações acerca do sentido do homem e do mundo.

"As coisas existem, os valores valem", já dizia Schiller, o grande filósofo alemão. Os valores só existem quando valem. E os valores só valem no momento em que os utilizamos para tomar decisões. Se o adolescente aprende a tomar decisões com base em valores, se ele aprende a fundamentar-se naquilo que tem sentido para ele as suas opções, ele é capaz de auto-determinar-se. E, se o jovem é capaz de auto-determinar-se, por que entupi-lo de campanhas e outros tipos de iniciativa contra isto e contra aquilo? Por que, como educadores, temos acreditado tanto no *poder do não* e desacreditado tanto no *poder do sim*?

Valor é tudo aquilo que tira alguém da indiferença. Quando rejeitamos alguma coisa, ele tem para nós um valor negativo. Quando, ao contrário, aspiramos algo, aquilo tem para nós um valor positivo. O não-valor é a indiferença, é o tanto faz. O grande desafio da educação, ensina-nos o educador salesiano Ítalo Gastaldi, é criar espaços para os nossos educandos identificarem, interiorizarem e vivenciarem valores positivos. Esse é o fundamento de toda a ação educativa digna deste nome.

O grande responsável pela disseminação das drogas, do álcool, do fumo, da gravidez precoce, das doenças sexualmente transmissíveis e da violência entre os adolescentes é a fome. Não a fome de nutrientes físicos, mas a fome de nutrientes morais. **A fome de sentido que só uma autêntica educação para valores poderá saciar.**

## VESTIR A CAMISA

Ir. Ignácio Weschenfelder, fsc - São Paulo/SP

A Província Lassalista de São Paulo espera aglutinar a seus projetos e obras educativas sempre maior número de colaboradores que **ensem comosco, ensem forte e acreditem na Proposta Educativa**. Em outras palavras, que **vistam a camisa de nosso time** e que a ninguém tenhamos que mostrar o cartão amarelo, muito menos o vermelho, por motivos de faltar aos compromissos.

O editorial deste Boletim fala em **confessionalidade da escola lassalista**. Queremos acrescentar mais algo e afirmar que confessionalidade não é alienação. Sua abrangência é universal. Abarca a **totalidade da pessoa humana**.

Concluimos também, frente a essas considerações, quanto é sublime a missão de educar. Nossos colaboradores lassalistas, que assim a entendem, têm todos os motivos para **encantar-se e reencantar-se com a missão de educar**. Revele-se assim a missão educativa aos jovens de hoje, para que neles se desperte o sentido de uma **vocação** e a **vontade** de abraçá-la.

É vocação que nos torna “Ministros de Deus”, “Embaixadores de Jesus Cristo”, “Anjos da Guarda dos alunos”, conforme expressões de São João Batista de La Salle. Nossa ação não se limita à terra, mas impulsiona ao céu.

Para recordar as “duas asas” de que somos dotados e que não devemos olvidar, citadas por João Paulo II na sua Carta Encíclica “Fides et Ratio!”, leia e medite a reflexão contida nos versos “**Fé e Razão**”:



da fé nos critérios:  
missão sublime!

São confessionais  
escolas que educam,  
na globalidade,  
para os eternos  
**planos divinos.**

Com toda a certeza  
alcança a verdade  
o crente fiel  
que une a beleza  
**com a bondade.**

Os olhos da mente  
vislumbram caminhos  
traçados por Cristo  
para toda a gente,  
**com muito amor!**

Caminhos de vida  
aponta a escola  
com sabedoria,  
e a todos convida  
**ao seguimento.**

Seguimento que é  
de Cristo caminho,  
também nas escolas  
com base na fé,  
**proposta a todos.**

## AVALIAÇÃO

Lílian de Almeida G. Conde - Botucatu/SP

O final de ano vai se aproximando e um tema, sempre presente em nosso cotidiano, ganha cores mais intensas: é a avaliação.

Outro dia me peguei refletindo sobre a ética na avaliação, e pensei que não posso falar em ética na avaliação sem me referir à ética do avaliador. Qual a postura da pessoa que avaliará?

Ética tem a ver com incluir-se, inserir-se no processo a ser avaliado. Porém, é preciso lembrar a relação de poder que está implícita na avaliação e em todo o processo ensino/aprendizagem. Como educador, preciso reconhecer o poder que tenho para não ocorrer um “abuso” desse poder (que vem, primeiramente, mascarado pela sedução, como ato de amor para com os alunos, para só depois se mostrar). Se só agrado meus alunos, cometo abuso de poder, pois o professor tem como função construir um espaço para que a aprendizagem ocorra, desafiar. Só que aprender é também entrar em contato com nossa não-completude, nossa carência...

Lembrando de Guimarães Rosa, quando diz que “Mestre não é aquele que ensina, mas aquele que, de repente, aprende”, precisamos estar dispostos a abrir mão do poder e resgatar um saber mais amplo. É preciso, em alguns momentos de nossa vida, “desaprender” os conteúdos e deixar falar o ser. Porque o aluno aprende do professor não o que este quer ensinar, mas o que ele (aluno) quer aprender. O professor ensina, também, aquilo que não quer, algo de que não se dá conta, o que está subjetivo na sua ação.

E na hora da avaliação, o que avaliar?

Muitas vezes, nesse momento, o professor se esquece do discurso pedagógico em que “o importante é o valor do processo” e acaba avaliando o produto, o resultado. Além de retrógrada, esta é uma postura a serviço da exclusão, e incoerente com a Proposta Educativa Lassalista.

Outra questão importante é discutir se temos o direito de avaliar o outro como pessoa.

As pessoas avaliam a aprendizagem como elas a entendem, esquecendo-se de que a aprendizagem é resignificada pelo que se aprendeu. Como se fosse posse do professor, ele entrega o conteúdo para o aluno, mas esquece que, para aprender, o aluno precisa reinventar o conhecimento; e o que o mobiliza a fazê-lo é seu desejo de aprender. Não existem crianças sem desejo de aprender, assim como não existem crianças sem fome. O professor precisa despertar o apetite do saber. Saber vem de sabor, preciso mastigar e saborear o meu saber. O sabor não está no alimento, nem na pessoa – está entre eles. Tem relação, inclusive, com a história afetiva da pessoa. Sócrates já dizia que “a verdade não está nos homens; está entre eles”. Na aprendizagem, o desejo é de realizar algo; o verbo “aprender” se introduz entre o desejo, e nem sempre o professor se lembra desse caráter prático no seu cotidiano e a relação entre professor/aluno e ensino/aprendizagem fica de lado.

Como avaliar esta diferença? O que ensina, ensina uma coisa; e o que aprende, aprende outra coisa... Então, como avaliar? Penso que precisamos aprender a avaliar justamente essas diferenças. Se o professor se incluir nesse processo, percebendo-se também como aluno em constante construção, revendo suas concepções, aí teremos maiores chances de “gerenciar sonhos”, e não reduzirmos nossos ideais a meros fornecedores de escores às nossas crianças!

# QUE A ESCOLA FUNCIONE BEM (4)

Prof. Antônio Puhl - Niterói/RJ



Neste último artigo da série de quatro, com o título acima, vou prender-me mais nos **meios pedagógicos** como condição para que uma escola vá bem.

La Salle apresenta a prática vivida e experienciada em suas escolas no livro **Guia das Escolas**. Nele constam indicações de bom senso, conselhos e orientações sábias que ajudam o professor a trabalhar bem em suas funções. O livro registra o que La Salle julgava essencial para o bom funcionamento da escola.

Dentre muitas orientações, vamos dar realce a algumas e, depois, acrescentar mais alguns elementos, baseado em nossa experiência pessoal:

1. A **boa ordem** exigida por La Salle opõe-se à desordem e alarido das escolas do seu tempo. A calma é fruto do silêncio habitual dos professores: ao aluno indicado compete falar (a escola é ativa).

2. **Uniformidade e constância nos métodos** aparecem como essenciais. La Salle insiste muitas vezes neste ponto. O **Guia das Escolas** facilita essa uniformidade e essa continuidade na aplicação de meios pedagógicos comprovados. E o Guia é revisado periodicamente, até para inserir inovações que foram sendo vividas pelos professores, especialmente os que são mais experientes.

3. Adoção de **programas bem definidos e elaborados**. La Salle tem o mérito de ter elaborado programas de acordo com o meio escolar, adequados às necessidades de clientela. Para isto fez inovações várias tais como: substituição do latim pelo francês no ensino; redução da duração do dia escolar ou do curso de acordo com o objetivo da clientela; utilização de manuscritos, notas da compra, contratos para o treinamento da escrita; ensino de boas maneiras; escolha da leitura como abertura de porta, etc.

4. **Utilização de modernos recursos de ensino**. Os recursos podem facilitar o desenvolvimento do ensino e facilitar a aprendizagem dos alunos e devem ser usados com este objetivo. São meios poderosos quando usados adequadamente e, como tal, a escola precisa estar bem equipada e atualizar-se continuamente.

5. **Oferta de atividades variadas**. A boa escola, a escola que atrai o aluno, é a que oferece tipos variados de atividades procurando facilitar a vida dos alunos e envolvê-los. O aluno precisa considerar a escola na qual estuda como a **sua escola**. Vai prosseguir nela durante o curso completo.

6. **Manutenção de um clima positivo**. Um ambiente agradável precisa culminar num clima educacional positivo, onde alunos e professores são estimulados a desenvolver o seu potencial ao máximo. O jovem precisa perceber o que ainda não é, o que poderá ser, o "vir-a-ser" contínuo e nunca o que é inalcançável, o que não se deve ou que não se pode, a negação do seu potencial. Acender mais luzes no caminhos dos educandos, eis a missão do mestre segundo La Salle.

## Referências:

\* POUTET, Yves e PUNGIER, Jean. *La Salle e os desafios de seu tempo*. Canoas, La Salle, 2001.

\* GRIEKEN, G. Van. *Touching the hearts of student: characteristics of Lassalian Schools*. Maryland, Christian Brothers Publications, 1999.

## FORMATIVO FAMÍLIA LASSALISTA

Associação Brasileira de Educadores Lassalistas

Província Lassalista de São Paulo

Rua Santo Alexandre, 93  
Vila Guilhermina  
CEP 03542-100  
São Paulo - SP  
[www.lasalle.org.br](http://www.lasalle.org.br)

## COMISSÃO FAMÍLIA LASSALISTA:

Ir. Arno Canísio Atz  
Ir. Cassiano Freze Costa  
Marcos Luciano Corsatto  
Mariana Di Mango Dias

## JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Marcos Luciano Corsatto  
MTb 37617

## REVISÃO:

Ir. Ludovico Celant

## SUPERVISÃO E EXPEDIÇÃO:

Ir. Ignácio Weschenfelder  
Ir. Arno Canísio Atz

## IMPRESSÃO:

Gráfica e Editora La Salle  
Rua Dr. Paulo César, 222  
Icaraí  
CEP 24220-400  
Niterói - RJ  
Fone (21) 2620-7326

## E-MAIL:

[ser@lasallebotucatu.com.br](mailto:ser@lasallebotucatu.com.br)